
SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL EM ANGOLA EM UM CONTEXTO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS: DESAFIOS, RESPOSTAS E CONTRIBUTOS A PARTIR DA PERSPECTIVA ONE HEALTH

Food and nutritional security in Angola in a context of climate change: challenges, responses and contributions from the One Health perspective

Sécurité alimentaire et nutritionnelle en Angola dans un contexte de changement climatique: défis, réponses et contributions dans une perspective Une seule Santé

Seguridad alimentaria y nutricional en Angola en el contexto del cambio climático: desafíos, respuestas y contribuciones desde la perspectiva de Una Salud

Augusto Miguel*

*. MD, MSc, PhD student.

Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Lisboa, Portugal. Rua Eça de Queiroz 920, 1º esquerdo. 2870-327.

+351 912037278 / +244 935321697. a21001027@ihmt.unl.pt. bivaizermiguel@hotmail.com

Resumo

Introdução: A segurança alimentar em Angola enfrenta desafios estruturais complexos, sendo a fome classificada como grave e agravada pela elevada vulnerabilidade às mudanças climáticas. Esse cenário é indissociável das desigualdades socioeconômicas e de uma precariedade sanitária que perpetua o ciclo de má nutrição e doenças parasitárias no país. **Objetivo:** Analisar as estratégias governamentais e as respostas políticas de segurança alimentar em Angola, com destaque para a ENSAN II (2025–2034), o Plano de Desenvolvimento Nacional - PDN 2023-2027, e os planos de fomento agropecuário sob a ótica integradora da abordagem One Health. **Metodologia:** Realizaram-se análise documental e revisão bibliográfica de instrumentos de política pública e indicadores epidemiológicos nacionais e dados de resiliência climática. **Resultados:** Apesar da redução histórica da subalimentação, a insegurança alimentar severa persiste em 20% da população, com a desnutrição crônica infantil (30-47%) associada a doenças e ao acesso limitado a água potável. Os planos de fomento priorizam a produtividade e a diversificação econômica, mas apresentam uma integração incipiente com a saúde animal e ambiental, carecendo de mecanismos institucionais de articulação explícitos. **Conclusão:** A ENSAN II representa um avanço na governação multissetorial, porém, a ausência de um enquadramento One Health formal limita a resposta a riscos sanitários e climáticos emergentes. A adoção dessa perspectiva é essencial para fortalecer a resiliência dos sistemas alimentares angolanos e garantir a segurança sanitária e nutricional até 2050.

Palavras-chave: Angola; segurança alimentar; one health; mudanças climáticas; saúde pública; políticas públicas.

Abstract

Introduction: Food security in Angola faces complex structural challenges, with hunger classified as severe and exacerbated by high vulnerability to climate change. This situation is inextricably linked to socio-economic inequalities and poor sanitation, which perpetuate the cycle of malnutrition and parasitic diseases in the country. **Objective:** To analyse government strategies and policy responses to food security in Angola, with a focus on ENSAN II (2025–2034), the National Development Plan (PDN) 2023–2027, and agricultural development plans from the integrative perspective of the One Health approach. **Methodology:** A documentary analysis and literature review were conducted of public policy instruments, national epidemiological indicators, and climate resilience data. **Results:** Despite the historical reduction in undernutrition, severe food insecurity persists in 20% of the population, with chronic child malnutrition (30–47%) associated

with disease and limited access to drinking water. Development plans prioritise productivity and economic diversification, but show only incipient integration with animal and environmental health, lacking explicit institutional coordination mechanisms. **Conclusion:** ENSAN II represents a step forward in multisectoral governance; however, the absence of a formal One Health framework limits the response to emerging health and climate risks. The adoption of this perspective is essential to strengthen the resilience of Angolan food systems and ensure health and nutritional security by 2050.

Keywords: Angola; food security; One Health; climate change; public health; public policies.

Résumé

Introduction: La sécurité alimentaire en Angola est confrontée à des défis structurels complexes, la famine étant classée comme grave et aggravée par une forte vulnérabilité aux changements climatiques. Ce contexte est indissociable des inégalités socio-économiques et d'une précarité sanitaire qui perpétue le cycle de la malnutrition et des maladies parasitaires dans le pays. **Objectif:** Analyser les stratégies gouvernementales et les réponses politiques en matière de sécurité alimentaire en Angola, en mettant l'accent sur l'ENSAN II (2025-2034), le Plan de développement national (PDN) 2023-2027 et les plans de promotion de l'agriculture et de l'élevage dans la perspective intégratrice de l'approche Une seule santé. **Méthodologie:** Une analyse documentaire et une revue de la littérature ont été réalisées sur les instruments de politique publique, les indicateurs épidémiologiques nationaux et les données sur la résilience climatique. **Résultats:** Malgré la réduction historique de la sous-alimentation, une insécurité alimentaire sévère persiste chez 20 % de la population, avec une malnutrition chronique infantile (30-47 %) associée à des maladies et à un accès limité à l'eau potable. Les plans de développement donnent la priorité à la productivité et à la diversification économique, mais présentent une intégration naissante avec la santé animale et environnementale, manquant de mécanismes institutionnels explicites de coordination. **Conclusion:** L'ENSAN II représente une avancée en matière de gouvernance multisectorielle, mais l'absence d'un cadre Une seule santé formel limite la réponse aux risques sanitaires et climatiques émergents. L'adoption de cette perspective est essentielle pour renforcer la résilience des systèmes alimentaires angolais et garantir la sécurité sanitaire et nutritionnelle d'ici 2050.

Mots-clés: Angola; sécurité alimentaire; One Health; changements climatiques; santé publique; politiques publiques.

Resumen

Introducción: La seguridad alimentaria en Angola se enfrenta a complejos retos estructurales, y el hambre se considera grave y se ve agravada por la elevada vulnerabilidad al cambio climático. Este panorama es indisoluble de las desigualdades socioeconómicas y de una precariedad sanitaria que perpetúa el ciclo de malnutrición y enfermedades parasitarias en el país. **Objetivo:** Analizar las estrategias gubernamentales y las respuestas políticas en materia de seguridad alimentaria en Angola, con especial atención a la ENSAN II (2025-2034), el Plan de Desarrollo Nacional (PDN) 2023-2027 y los planes de fomento de la agricultura y la ganadería desde la perspectiva integradora del enfoque Una Salud. Metodología: Se llevó a cabo un análisis documental y una revisión bibliográfica de instrumentos de política pública, indicadores epidemiológicos nacionales y datos de resiliencia climática. **Resultados:** A pesar de la reducción histórica de la subalimentación, la inseguridad alimentaria grave persiste en el 20 % de la población, con una desnutrición infantil crónica (30-47 %) asociada a enfermedades y al acceso limitado al agua potable. Los planes de fomento priorizan la productividad y la diversificación económica, pero presentan una integración incipiente con la salud animal y ambiental, careciendo de mecanismos institucionales de articulación explícitos. **Conclusión:** La ENSAN II representa un avance en la gobernanza multisectorial; sin embargo, la ausencia de un marco formal Una Salud limita la respuesta a los riesgos sanitarios y climáticos emergentes. La adopción de esta perspectiva es esencial para fortalecer la resiliencia de los sistemas alimentarios angoleños y garantizar la seguridad sanitaria y nutricional hasta 2050.

Palabras clave: Angola; seguridad alimentaria; One Health; cambio climático; salud pública; políticas públicas.

INTRODUÇÃO

A segurança alimentar constitui um dos pilares fundamentais do desenvolvimento sustentável e da saúde pública global. Ela é definida como a situação em que todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso físico, social e econômico a alimentos suficientes, seguros e com aporte nutricional para satisfazer suas necessidades dietéticas e preferências alimentares para uma vida ativa e saudável. Esse conceito envolve dimensões de disponibilidade, acesso, utilização e estabilidade alimentar¹.

No cenário global, os sistemas alimentares debatem-se com desafios estruturais associados ao crescimento populacional, as mudanças climáticas e as desigualdades socioeconômicas. A Comissão EAT–Lancet enfatiza que os atuais sistemas alimentares

são simultaneamente responsáveis por impactos ambientais significativos e por falhas na garantia de dietas saudáveis para a população mundial, exigindo profundas transformações para garantir sustentabilidade e saúde humana². Também se destaca íntima associação entre a insegurança alimentar e os fatores estruturais como a pobreza, a desigualdade e as fragilidades dos sistemas agrícolas, com particular ênfase nos países da África Subsaariana³.

A fome e a má nutrição são o risco número um para a saúde em todo o mundo, maior do que a SIDA, a malária e a tuberculose juntas. Cerca de 821 milhões de pessoas no mundo estavam subnutridas em 2017⁴. O crescimento populacional, a afetação drástica por incidentes climáticos à produção de alimentos e o aumento dos preços do petróleo agravaram os custos de fertilizantes e de outros insumos associados à produção de alimentos entre outros fatores, fazendo com que os preços dos alimentos atinjam níveis altos sem precedentes⁴.

A FOME E A INSEGURANÇA ALIMENTAR COMO PROBLEMA PERSISTENTE EM ANGOLA E SAÚDE PÚBLICA

Apesar do crescimento econômico observado após o fim da guerra civil em 2002, Angola continua a enfrentar desafios estruturais relacionados à segurança alimentar e nutricional. Estima-se que cerca de 22% da população esteja subnutrida, enquanto a desnutrição crônica afeta entre 30% e 47% das crianças menores de 5 anos, evidenciando um problema persistente de insegurança alimentar e má nutrição^{15,6}. De acordo com o Global Hunger Index (GHI), Angola ainda apresenta níveis de fome classificados como grave, refletindo a persistência de problemas estruturais relacionados ao acesso aos alimentos, à pobreza e à vulnerabilidade climática. O índice considera indicadores como subnutrição, atraso de crescimento infantil, emagrecimento infantil e mortalidade infantil para medir a gravidade da fome⁵.

No país, a insegurança alimentar está associada à pobreza multidimensional⁷, o que limita o acesso a alimentos adequados e contribui para desigualdades nutricionais significativas entre regiões urbanas e rurais^{8,9,10}. Em 2023 Angola registou prevalências de cerca de 20% de insegurança alimentar severa e de 55% de insegurança alimentar moderada¹¹.

Estudos realizados em Angola demonstram que a insegurança alimentar doméstica está associada ao agravamento da desnutrição infantil e a piores resultados clínicos em crianças hospitalizadas por desnutrição aguda¹².

Além disso, a relação entre nutrição e doenças parasitárias é particularmente

relevante em contextos africanos. A desnutrição compromete o sistema imunológico e aumenta a vulnerabilidade a infecções parasitárias, criando um ciclo de pobreza, doença e insegurança alimentar.

Nesse contexto, estudos realizados em Angola demonstram elevada prevalência de esquistossomose e helmintíases transmitidas pelo solo, especialmente entre crianças em idade escolar. A investigação conduzida por Miguel¹³ na província de Malanje identificou prevalências significativas dessas infecções, associadas a condições precárias de saneamento e acesso limitado à água potável. Essas doenças contribuem para anemia, déficits nutricionais e atraso no crescimento infantil, agravando a insegurança alimentar e os problemas de saúde pública¹³.

AGRAVAMENTO POR ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Segundo o International Panel on Climate Change (IPCC), a mudança climática refere-se a uma alteração no estado do clima identificada por mudanças na variabilidade média das suas propriedades e que persiste por um longo período que pode ser de décadas ou mais¹⁴. As mudanças climáticas têm forte impacto em África, onde cerca de 95% da agricultura depende da chuva¹⁵ e é vital para a subsistência diária, mas onde a capacidade de adaptação é baixa^{16,17}.

Angola é altamente vulnerável aos impactos das alterações climáticas, com algumas regiões já a sofrer eventos climáticos extremos frequentes e preocupantes, tais como secas, inundações e erosão costeira¹⁸. Desastres relacionados com o clima custaram a Angola aproximadamente US\$ 1,2 bilhão entre 2005 e 2017¹⁹. De acordo com o Notre Dame Global Adaptation Index (ND-GAIN), Angola é o 140º país mais vulnerável²⁰. As alterações climáticas afetam a agricultura de maneiras diversas, desde alterações nas temperaturas médias, precipitação e eventos climáticos extremos com grande impacto, até mudanças em pragas e doenças, alterações no dióxido de carbono atmosférico, alterações na qualidade nutricional de alguns alimentos ou mudanças na estação de cultivo²¹. Afetam também a produção, o acesso e a qualidade nutricional dos alimentos, levando a um aumento da insegurança alimentar, especialmente em regiões como Angola, com elevados níveis de pobreza e desigualdade social^{22,23}. Reconhece-se que a agricultura, na produção alimentar em particular, depende fortemente do clima e das condições meteorológicas^{21,24}. As vulnerabilidades hidrológicas são mais perceptíveis, como foi o caso da seca de 2013 que afetou 1,8 milhão de pessoas em cinco províncias do sul, expondo-as à morte e à desnutrição^{18,25}.

Visto por outro lado, o aumento da temperatura do ar eleva a transpiração, o que resulta na diminuição da produtividade das culturas alimentares, acelera o amadu-

recimento dos frutos/sementes, aumenta o consumo de água, diminui a qualidade dos rendimentos das colheitas e favorece o desenvolvimento de pragas e doenças²⁶.

Com o objetivo de analisar as estratégias governamentais e as respostas políticas de segurança alimentar em Angola com destaque para a Estratégia Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional 2025-2034 (Ensan II), o Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN) 2023-2027 e os planos de fomento agropecuário sob a ótica integradora da abordagem One Health, realizaram-se análise documental de literatura científica, relatórios institucionais e documentos de políticas públicas relacionados com segurança alimentar e nutricional, alterações climáticas e sistemas alimentares em Angola.

AGRICULTURA E SISTEMAS ALIMENTARES

O setor agrícola desempenha um papel central na segurança alimentar em Angola, empregando mais de 80% da população rural e contribuindo para cerca de 8% do Produto Interno Bruto (PIB)²⁷.

Os dados de 2023 apontam que a agricultura contribui com cerca de 14,9% do PIB de Angola e emprega a maior parte da força de trabalho do país, especialmente nas áreas rurais²⁸.

A agricultura familiar domina o setor agrícola angolano, representando aproximadamente 91,5% das explorações agrícolas, sendo caracterizada por sistemas produtivos predominantemente de subsistência e baixa mecanização²⁹.

PRÁTICAS E RESPOSTAS EXISTENTES

Práticas tradicionais e escolas de campo de agricultores para o manejo sustentável da terra no sudoeste de Angola são uma estratégia para fortalecer a gestão sustentável da terra e dos recursos naturais, integrando conhecimentos ecológicos tradicionais e abordagens modernas de gestão territorial no âmbito da estrutura de Desenvolvimento Territorial Negociado Verde (Green Negotiated Territorial Development – GreeNTD). A iniciativa baseou-se em um processo participativo que envolveu autoridades locais, técnicos de extensão e comunidades pastorais, com destaque para a participação dos grupos indígenas Herero, Khoisan e Muimba, cujos sistemas tradicionais de tomada de decisão e resolução de conflitos foram incorporados às estratégias de governança territorial³⁰.

A combinação entre capacitação técnica, aprendizagem participativa e valorização dos saberes locais contribuiu para a disseminação de práticas sustentáveis de manejo de pastagens, conservação do solo e gestão da água. Como resultado, observou-se um aumento da cobertura vegetal em mais de 13.500 hectares, o estabelecimento de 32.658

hectares de áreas de reserva comunitária, a reabilitação de 750 hectares de pastagens e a recuperação de 28 pontos de água. Paralelamente, o projeto promoveu a formação de 120 treinadores e facilitadores e beneficiou diretamente cerca de 2.800 pastores por meio da implementação de 35 Escolas de Campo Agropastoris³⁰.

O projeto Mosap (Smallholder Agriculture Development and Commercialization Project) apoiou cerca de 179 mil pequenos agricultores, com cerca de 49% de participação feminina, e estabeleceu mais de 4 mil escolas de campo em várias províncias do país. Essas iniciativas contribuíram para aumentos significativos na produtividade agrícola e no rendimento rural³¹.

Resultados indicam que as explorações agrícolas participantes registaram aumentos de rendimento entre 65% e 196%, dependendo da cultura, o que demonstra o potencial dessas metodologias para melhorar a produção alimentar local e reduzir a vulnerabilidade alimentar. As *farmer field schools* são consideradas uma estratégia eficaz de difusão tecnológica e aprendizagem coletiva, especialmente em sistemas agrícolas dominados por pequenos produtores³².

Outra prática relevante identificada em Angola é a adoção de sistemas agroflorestais. A agrofloresta consiste na integração de árvores e culturas agrícolas na mesma área produtiva, proporcionando múltiplos benefícios, como a melhoria da fertilidade do solo, a redução da erosão, a diversificação de rendimentos e maior resiliência às secas. Essa ação é sustentada pela grande possibilidade de melhorar a produtividade agrícola e aumentar a resiliência dos sistemas alimentares diante das mudanças climáticas³³.

Além disso, a integração de árvores agrícolas pode fornecer produtos adicionais, como frutas, madeira e biomassa energética, contribuindo para a segurança alimentar e o rendimento rural. Essas práticas são particularmente relevantes para países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) com ecossistemas tropicais vulneráveis à degradação do solo, como Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Os sistemas agroflorestais são uma estratégia eficaz para promover sistemas alimentares sustentáveis em regiões tropicais³⁴.

Outra prática emergente em Angola é a promoção da literacia alimentar em comunidades rurais, associada a programas de desenvolvimento local. Essas iniciativas incluem educação nutricional comunitária, promoção de hortas familiares, valorização de alimentos locais e programas escolares de alimentação saudável. Está demonstrado que intervenções comunitárias voltadas à educação nutricional e ao acesso à informação alimentar podem melhorar as escolhas alimentares e contribuir para reduzir a desnutrição infantil³⁵. Ademais, a combinação entre educação nutricional e produção alimentar local pode contribuir significativamente para melhorar a segurança alimentar em contextos de pobreza³⁶.

A Iniciativa Mão na Mão, em parceria com o Governo de Angola, promove uma agenda transformadora que reconhece a agricultura como um pilar estratégico para o crescimento econômico sustentável, a redução da pobreza e a criação de emprego. Tem havido uma priorização na diversificação da economia por meio do desenvolvimento do setor agrícola, em alinhamento com o PDN 2023-2027. Nesse contexto, foram identificados aceleradores estratégicos destinados a potenciar os sistemas agroalimentares do país, com particular enfoque na produção de cereais básicos, como trigo, arroz, milho e soja, que representam uma parcela significativa das importações nacionais e são fundamentais para o reforço da segurança alimentar e nutricional³⁷.

A Ensan II constitui um instrumento estratégico do Governo de Angola destinado a garantir o direito humano à alimentação adequada, promovendo um sistema alimentar sustentável, inclusivo e resiliente³⁸. Esse documento surge como continuidade e evolução da primeira Ensan, implementada a partir de 2009, que desenvolveu um Programa Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN), permitiu reduzir significativamente a subalimentação no país de 38% para 19%³⁹, embora persistam desafios estruturais relacionados com pobreza, vulnerabilidade nutricional e instabilidade do sistema alimentar.

A aprovação da Ensan II, por meio do Decreto Presidencial n.º 47/25⁴⁰, marca um compromisso renovado do Governo de Angola. O documento fundamenta-se no PDN 2023-2027 e na Estratégia Angola 2050, visando a um sistema alimentar inclusivo que responda às necessidades das áreas urbanas e rurais, independentemente das condições socioeconômicas³⁸.

A Ensan II estrutura-se em sete eixos estratégicos:

1. Disponibilização de alimentos saudáveis por meio de sistemas de produção e comercialização sustentáveis.
2. Melhoria do acesso aos alimentos em quantidade e qualidade.
3. Fortalecimento das intervenções essenciais de nutrição, com enfoque na janela de oportunidade dos primeiros mil dias de vida.
4. Promoção da educação alimentar, nutricional, sanitária e ambiental.
5. Investigação científica aplicada em toda a cadeia alimentar.
6. Melhoria dos padrões de consumo e segurança dos alimentos.
7. Fortalecimento da resiliência dos sistemas alimentares perante choques externos.

A governança do sistema será centrada no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consan), um órgão multisetorial responsável por coordenar as ações entre os diferentes ministérios, a sociedade civil e os parceiros internacionais. Esse modelo de gestão estende-se aos níveis local, com os Conselhos Provinciais de

Segurança Alimentar e Nutricional (Copsan), e municipais, com os Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (Comsan), garantindo que as políticas sejam adaptadas às realidades territoriais. O enfoque das intervenções prioriza grupos vulneráveis, incluindo crianças, mulheres grávidas, pessoas idosas, pessoas vivendo com VIH e minorias étnicas, como os khoisans e Mucubais^{38,40}. A implementação dessa estratégia é suportada pelo Plano de ação Acção de Segurança Alimentar e Nutricional (Pasan II), com um horizonte temporal de dez anos e um orçamento estimado em aproximadamente 1,1 trilhão de Kwanzas. Esse plano prevê o financiamento maioritário pelo Estado Angolano, bem como a mobilização de recursos de parceiros internacionais e do setor privado. O sucesso da Ensan II será monitorizado por indicadores de desempenho rigorosos, como a meta de reduzir a subalimentação para menos de 5% e a desnutrição crônica para menos de 9% até 2034³⁸.

Em 2022, o Governo aprovou a estratégia de longo prazo intitulada “Angola 2050”, uma nova visão de longo prazo que almeja transformar Angola em uma economia próspera e diversificada até 2050. Essa estratégia centra-se na redução da dependência do país em relação ao petróleo, promovendo o crescimento de outros setores-chave, como a agricultura, a exploração mineira, a indústria transformadora e os serviços. Também delineia um plano abrangente para alcançar um desenvolvimento sustentável e inclusivo, posicionando Angola em um caminho para a prosperidade e resiliência até 2050 e levou à aprovação, em 2023, do PND 2023-2027, um plano de médio prazo que enfatiza a segurança alimentar, o emprego e a redução da pobreza, valoriza o capital humano e promove uma economia sustentável⁴¹.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO NACIONAL 2023-2027

O alcance da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) é um dos objetivos estabelecidos pelo PDN 2023-2027. Este estabelece como prioridade a erradicação da fome e da pobreza extrema, articulando essa meta com o reforço da SAN e com políticas de inclusão social. A segurança alimentar é simultaneamente enquadrada como condição de justiça social e como pilar da diversificação econômica. Também propõe o fortalecimento da agricultura familiar, a integração de pequenos produtores nas cadeias de valor, o aumento da produtividade agrícola e o reforço da resiliência das famílias rurais⁴².

No domínio sanitário e agropecuário, o PDN contempla medidas que convergem com uma abordagem integrada entre saúde humana, saúde animal e ambiente. Dentre estas, destacam-se o Plano Nacional de Fomento e Desenvolvimento da Pecuária, os programas de prevenção e controle de doenças e pestes, o reforço da investigação veterinária e a criação de infraestruturas laboratoriais para controle de qualidade agroalimentar⁴².

Em termos de sistemas alimentares, foram aprovados três programas orientadores para o aumento da produção nacional de alimentos, designados por: Plano Nacional de Fomento para Produção de Grãos (Planagrão) e Plano Nacional de Fomento e Desenvolvimento da Pecuária (Planapecuária).

O Planagrão visa promover a produção de grãos à escala comercial, a fim de fazer frente ao fornecimento irregular de grãos e fertilizantes no mercado internacional. No curto e no médio prazo, ou seja, até 2027, o Planagrão pretende reduzir a dependência das importações de trigo, arroz, soja e milho, bem como acelerar a produção e o abastecimento local, com maior predominância na região leste de Angola⁴³.

A Planapecuária é um plano de âmbito nacional, voltado ao fomento da produção de proteína animal. Alguns dos seus objetivos consistem em aumentar os rendimentos dos produtores pecuaristas e de outros intervenientes ao longo das cadeias de valor de produção de carne, bem como aumentar a contribuição da produção pecuária nacional na satisfação das necessidades de consumo interno, nas exportações e no PIB do país. Algumas das ações para o alcance dos objetivos são um conjunto de medidas, visando: proteger o efetivo pecuário das doenças animais, incluindo as zoonoses, por meio da criação de condições de diagnóstico de doenças, tratamento e realização de campanhas de vacinação periódicas nas explorações pecuárias; incentivar a especialização de produtores ao longo da cadeia de produção pecuária; apoiar a adoção de inovações de tecnológica para o aumento sustentável da produção e produtividade⁴⁴.

O Plano Nacional de Fomento das Pescas (Planapescas) é voltado ao fomento da atividade pesqueira empresarial para a produção e transformação do pescado e do sal. Para o período 2023-2027, alguns dos objetivos são: assegurar a qualidade, diversidade e disponibilidade de recursos biológicos; modernizar as infraestruturas de apoio à produção e processamento de pescado; e melhorar a rede de conservação e distribuição de pescado. O plano é coordenado pelo Ministro de estado e coordenação económica⁴⁵.

Outros documentos políticos importantes incluem a Estratégia e Plano de Ação Nacionais para a Biodiversidade (NBSAP) e o Programa de Ação Nacional de Adaptação (Pana), que foram iniciados em 1998 e têm sido fundamentais nos esforços de proteção ambiental⁴⁶.

A pesca tem grande relevância no país porque fornece uma das principais fontes de proteína animal para a população, contribui para emprego e rendimento de comunidades costeiras, desempenha papel importante na luta contra a fome e na promoção da saúde pública. Além disso, o país possui grande potencial pesqueiro, devido à extensa costa marítima e aos recursos aquáticos disponíveis⁴⁷.

A pesca artesanal é destacada como um dos pilares do setor em Angola, pois envolve milhares de pescadores, utiliza técnicas tradicionais, abastece principalmente

mercados locais e fornece peixe a preços mais acessíveis para as famílias. Também se destaca o papel das mulheres, que atuam principalmente no processamento e na comercialização do pescado⁴⁷.

No orçamento de 2025, o governo angolano destinou 105 bilhões de kwanzas (cerca de US\$ 115 milhões) para apoiar a campanha agrícola 2024/2025. Esta alocação significativa reflete o compromisso de Angola em impulsionar a produção agrícola, com enfoque no fornecimento de insumos, equipamentos e financiamento para empresas de agricultura familiar²⁸.

O Projeto de Desenvolvimento da Agricultura Comercial de Angola (PDAC) é cofinanciado pelo Banco Mundial e pela Agência Francesa de Desenvolvimento. Esse projeto visa incentivar os empréstimos bancários para a agricultura, ajudando produtores e pequenas e médias empresas a preparar e financiar investimentos agrícolas, fornecendo assistência técnica, subsídios e garantias de crédito parcial²⁸.

Além disso, por meio do Ministério da Agricultura e Florestas, o governo elaborou um plano de ação voltado para mais de 1 milhão de famílias agrícolas. Essa iniciativa inclui a distribuição de fertilizantes, sementes de alta qualidade e ferramentas e equipamentos agrícolas essenciais para aumentar a produtividade e a segurança alimentar²⁸.

FUNDO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (FADA)

Criado por meio do Decreto Presidencial n.º 233/16, de 9 de dezembro⁴⁸, trata-se de uma instituição financeira de referência, de natureza não bancária, responsável pela mobilização e alocação de recursos financeiros sob a forma de crédito destinados a apoiar ações orientadas para o desenvolvimento da produção alimentar. As suas intervenções são dirigidas principalmente às explorações agrícolas familiares, cooperativas, associações, bem como às micro e pequenas empresas do setor agrícola. A instituição tem como missão financiar iniciativas que promovam o fortalecimento da agricultura familiar, abrangendo áreas como a produção alimentar, o agronegócio, o desenvolvimento de infraestruturas e a inovação tecnológica em todo o território nacional. Ao apoiar tais atividades, procura contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola, estimular o crescimento econômico sustentável, promover a proteção ambiental e melhorar progressivamente as condições de vida da população⁴⁹.

PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR 2025-2027

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que sucede ao Programa de Merenda Escolar (PME)⁵⁰, constitui um instrumento de política pública orientado à

promoção da alimentação e nutrição no contexto escolar em Angola. O programa visa melhorar o estado nutricional das crianças, promover hábitos alimentares saudáveis e contribuir para o desenvolvimento cognitivo e o desempenho escolar. Implementado em âmbito nacional, o PNAE adota uma abordagem integrada que articula nutrição, saúde e educação, promovendo simultaneamente a participação comunitária e o fortalecimento da agricultura familiar como pilares da segurança alimentar e nutricional⁵¹.

TRANSFERÊNCIAS SOCIAIS MONETÁRIAS

Esta componente tem por objetivo conceber e implementar sistemas para um programa de transferências monetárias que vise melhorar as condições de vida das famílias pobres, por via de três modalidades: em dinheiro físico, entrega de cartão bancário com o montante ou transferência da importância monetária via telemóvel⁵².

O programa kwenda é um programa do governo angolano, operacionalizado pelo Fundo de Apoio Social (FAS). O país já aplicou US\$ 23 milhões, dos US\$ 420 milhões disponíveis, dos quais US\$ 320 milhões financiados pelo Banco Mundial e US\$ 100 milhões, pelo governo angolano. O kwenda apoiou 17 mil beneficiários diretos e 84 mil indiretos em iniciativas econômicas e produtivas, com enfoque na agricultura, pesca, criação animal, produção de mel, corte e costura, moto-táxi, caixas comunitárias, transformação de produtos e artesanato, segundo a vocação das famílias⁵³.

Os vastos recursos naturais de Angola e o potencial agrícola inexplorado apresentam uma oportunidade para a nação emergir como um produtor de alimentos autossuficiente e um contribuinte significativo para a segurança alimentar em toda a África, tendo 35 milhões de hectares de terras aráveis⁵⁴.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A abordagem One Health reconhece a interdependência entre saúde humana, saúde animal e saúde ambiental, defendendo respostas integradas para desafios complexos relacionados com segurança alimentar, zoonoses, sustentabilidade ambiental e alterações climáticas.

A Ensan II apresenta elementos que se aproximam dessa perspectiva, nomeadamente ao promover sistemas alimentares sustentáveis, reforçar a resiliência diante das alterações climáticas e integrar políticas de nutrição, agricultura e proteção social. Contudo, o documento não adota explicitamente o enquadramento conceptual One Health, nem estabelece mecanismos institucionais claros de articulação entre os setores de saúde humana, saúde animal e ambiente.

Dentre as principais limitações, destaca-se a abordagem ainda restrita da interface entre saúde humana e saúde animal, especialmente no que se refere a riscos sanitários associados à produção pecuária, zoonoses alimentares e segurança sanitária na cadeia de produção de alimentos. Além disso, apesar do reconhecimento dos impactos da alteração climática na segurança alimentar, as estratégias exploram, de forma limitada, os mecanismos ecológicos e ambientais que influenciam a sustentabilidade dos sistemas alimentares.

Assim, embora haja um avanço importante na política de segurança alimentar em Angola, a incorporação explícita da abordagem One Health poderia reforçar a capacidade de estratégias para responder, de forma mais integrada, aos desafios sanitários, ambientais e alimentares emergentes. Além disso, a cooperação internacional tem sido considerada um mecanismo importante para fortalecer a capacidade agrícola do país. Nesse contexto, a colaboração entre Angola e parceiros internacionais, como China e Brasil, tem buscado promover modernização agrícola, desenvolvimento de infraestrutura rural e aumento da produção alimentar.

CONCLUSÃO

Angola apresenta um quadro paradoxal: detém um vasto potencial agrícola, com 35 milhões de hectares aráveis, mas enfrenta níveis de fome considerados graves e uma prevalência de desnutrição crônica infantil que pode chegar a 47% em certas regiões. Este estudo demonstra que as respostas institucionais, embora robustas no desenho (Ensan II, Planagrão, Planapecuária, entre outros), tendem a operar em silos setoriais.

A SAN em Angola não é apenas um desafio de produção agrícola, mas, sobretudo, um problema de saúde pública exacerbado pela crise climática e pela precariedade sanitária. A integração da abordagem One Health é o caminho crítico para harmonizar a produtividade econômica com a sustentabilidade ambiental e a segurança sanitária. O fortalecimento da governação multissetorial é recomendável para garantir que o direito à alimentação adequada seja indissociável da proteção dos ecossistemas e da vigilância sanitária integrada, assegurando que o desenvolvimento, até 2050, seja, de fato, resiliente e inclusivo.

A integração da abordagem One Health na implementação da Ensan II e do PDN 2023-2027 é imperativa para mitigar os impactos das mudanças climáticas, que já custaram ao país US\$ 1,2 bilhão. A segurança alimentar resiliente exige do Consan um papel técnico-científico na vigilância de zoonoses e na proteção da biodiversidade. Por meio de uma governação multissetorial que harmonize a produção agropecuária com a sustentabilidade ambiental, será possível erradicar a fome e garantir a justiça social prevista na Estratégia Angola 2050.

Referências

1. The State of Food Security and Nutrition in the World 2022. The State of Food Security and Nutrition in the World 2022. 2022 Jul 6. doi:10.4060/cc0639en
2. Willett W, Rockström J, Loken B, Springmann M, Lang T, Vermeulen S, et al. Food in the Anthropocene: the EAT–Lancet Commission on healthy diets from sustainable food systems. The Lancet. 2019 Feb 2;393(10170):447–92. doi:10.1016/S0140-6736(18)31788-4 PubMed PMID: 30660336.
3. Otekunrin OA. Assessing the Prevalence and Severity of Global Hunger and Food Insecurity: Recent Dynamics and Sub-Saharan Africa’s Burden. Sustainability 2024, Vol 16. 2024 Jun 6;16(12). doi:10.3390/su16124877
4. Alimentação - Nações Unidas - ONU Portugal. [cited 2026 Feb 19]. Available from: <https://unric.org/pt/alimentacao/>
5. Angola - Global Hunger Index (GHI) - peer-reviewed annual publication designed to comprehensively measure and track hunger at the global, regional, and country levels. [cited 2026 Mar 11]. Available from: <https://www.globalhungerindex.org/angola.html>
6. Global Innovation Index 2024 - GII 2024 Economy profiles. [cited 2026 Mar 11]. Available from: <https://www.wipo.int/web-publications/global-innovation-index-2024/en/gii-2024-economy-profiles.html>
7. Nations U. Specific country data. Human Development Reports.
8. Angola. Instituto Nacional de Estatística. Índice de Pobreza Multidimensional de Angola. Luanda: INE; 2020.
9. World Bank Group - International Development, Poverty and Sustainability. [cited 2026 Mar 11]. Available from: <https://www.worldbank.org/ext/en/home>
10. Quintas E. Resultados definitivos recenseamento geral da população e habitação RGPH-2024. Available from: <https://www.ine.gov.ao>
11. Relatório sobre escala de experiência de insegurança alimentar (FIES) 2020-2023. [cited 2026 Feb 19]. Available from: <https://ww.ine.gov.ao>
12. Carbone AS, Roscioli F, Mazziotta M. Urban household food insecurity and pediatric malnutrition: evidence from the Divina Providencia Hospital in Luanda, Angola. Front Public Health. 2025 Sep 17;13:1604713. doi:10.3389/fpubh.2025.1604713 PubMed PMID: 41063937.
13. Miguel A. Prevalência da Schistosomíase e Helminthíases transmitidas pelo solo, em crianças em idade escolar, na província de Malanje, Angola. 2021 [cited 2026 Mar 13]. Available from: <http://hdl.handle.net/10362/124063>

14. Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima. Mudança do Clima 2023: Relatório Síntese. doi:10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001
15. Nhemachena C, Nhamo L, Matchaya G, Nhemachena CR, Muchara B, Karuaihe ST, et al. Climate Change Impacts on Water and Agriculture Sectors in Southern Africa: Threats and Opportunities for Sustainable Development. *Water* 2020, Vol 12,. 2020 Sep 23;12(10):1–17. doi:10.3390/w12102673
16. Forkuor G, Amponsah W, Oteng-Darko P, Osei G. Safeguarding food security through large-scale adoption of agricultural production technologies: The case of greenhouse farming in Ghana. *Clean Eng Technol*. 2022 Feb 1;6(3):100384. doi:10.1016/j.clet.2021.100384
17. Cudjoe GP, Antwi-Agyei P, Gyampoh BA. The Effect of Climate Variability on Maize Production in the Ejura-Sekyedumase Municipality, Ghana. *Climate* 2021, Vol 9,. 2021 Sep 25;9(10). doi:10.3390/cli9100145
18. World Bank Group. Angola: Country Climate and Development Report. Washington, DC: World Bank; 2023.
19. Correia CDNC, Amraoui M, Santos JCA. Impacts of Climate Change on agriculture in Angola: analysis of agroclimatic and bioclimatic indicators. 2024. Available from: <https://www.preprints.org/manuscript/202403.0723/v1> doi:10.20944/preprints202403.0723.v1
20. Rankings // Notre Dame Global Adaptation Initiative // University of Notre Dame. [cited 2026 Mar 9]. Available from: <https://gain.nd.edu/our-work/country-index/rankings/>
21. Mpandeli S, Nhamo L, Moeletsi M, Masupha T, Magidi J, Tshikolomo K, et al. Assessing climate change and adaptive capacity at local scale using observed and remotely sensed data. *Weather Clim Extrem*. 2019 Dec 1;26(4):100240. doi:10.1016/j.wace.2019.100240
22. Alpino T de MA, Mazoto ML, de Barros DC, de Freitas CM. The impacts of climate change on Food and Nutritional Security: a literature review. *Cien Saude Colet*. 2022;27(1):273–86. doi: 10.1590/1413-81232022271.05972020 PubMed PMID: 35043907.
23. Thompson B, Cohen MJ. The impact of climate change and bioenergy on nutrition. *The Impact of Climate Change and Bioenergy on Nutrition*. Springer Netherlands; 2012. 1–120 p. doi:10.1007/978-94-007-0110-6
24. Bandara JS, Cai Y. The impact of climate change on food crop productivity, food prices and food security in South Asia. *Econ Anal Policy*. 2014 Oct 1;44(4):451–65. doi:10.1016/j.eap.2014.09.005
25. A seca no sudoeste de Angola agrava a fome | Programa Mundial de Alimentos. [cited 2026 Mar 11]. Available from: <https://www.wfp.org/news/drought-south-western-angola-drives-severe->

[hunger?utm_source=chatgpt.com](https://www.fao.org/hunger?utm_source=chatgpt.com)

26. IOP Conference Series: Earth and Environmental Science. doi:10.1088/1755-1315/1016/1/012038
27. Food Insecurity is an urgent issue in the country, acknowledges Government - Ver Angola - Daily, the best of Angola. [cited 2026 Mar 14]. Available from: <https://www.verangola.net/va/en/022025/Society/43520/Food-insecurity-is-an-urgent-issue-in-the-country-acknowledges-Government.htm?utm>
28. Angola Agricultura: Rumo à Autossuficiência Alimentar até 2027. [cited 2026 Mar 11]. Available from: <https://pt.editorialge.com/angola-agricultura-autossuficiencia-alimentar/>
29. Agricultura familiar lidera produção em Angola com 91,5% das explorações - Forbes África Lusofona. [cited 2026 Mar 14]. Available from: <https://forbesafricalusofona.com/agricultura-familiar-lidera-producao-em-angola-com-915-das-exploracoes/>
30. Traditional practices and farmer field schools for improved land management in Southwestern Angola. [cited 2026 Mar 13]. Available from: <https://www.fao.org/gef/knowledge/knowledge-detail/traditional-practices-and-farmer-field-schools-for-improved-land-management-in-southwestern-angola/en>
31. Enhancing Food Security and Income for Smallholder Farmers in Angola. [cited 2026 Mar 13]. Available from: <https://www.worldbank.org/en/results/2024/03/01/enhancing-food-security-and-income-for-smallholder-farmers-in-afe-angola>
32. Okoth J, Braun A, Delve R, Khamaala H, Khisa G, Thomas J. The emergence of Farmer Field Schools Networks in Eastern Africa.
33. Eliseu EE, Lima TM, Gaspar PD. Sustainable Development Strategies and Good Agricultural Practices for Enhancing Agricultural Productivity: Insights and Applicability in Developing Contexts—The Case of Angola. Sustainability (Switzerland). 2024 Nov 1;16(22). doi:10.3390/SU16229878/S1
34. Garrity DP. Agroforestry and the achievement of the Millennium Development Goals. 2004;5–17. doi:10.1007/978-94-017-2424-1_1
35. Campos S, Andrade J, Santos E, Figueiredo I, Martins V, Matos E, et al. Promoting Local Development and Food Literacy in a Rural Angolan Community. Nutrients 2025, Vol 17,. 2025 Aug 27;17(17). doi:10.3390/NU17172788 PubMed PMID: 40944178.
36. Ruel MT, Quisumbing AR, Balagamwala M. Nutrition-sensitive agriculture: What have we learned so far? Glob Food Sec. 2018 Jun 1;17:128–53. doi:10.1016/J.GFS.2018.01.002
37. Angola. [cited 2026 Mar 15]. Available from: <https://www.fao.org/hand-in-hand/previous-editions/>

[tions/hih-investment-forum-2025/angola/en](https://hih-investment-forum-2025/angola/en)

38. Estratégia de Segurança Alimentar em Angola | PDF | Angola | Obesidade. [cited 2026 Mar 14]. Available from: <https://pt.scribd.com/presentation/883767623/1-Apresentacao-Seg-Es-trat-Seg-Alimentar-ENSAN-II-POWER-POINT-2024-10-12-2024-1-1>
39. Luanda. República de Angola: Estratégia nacional de segurança alimentar e nutricional. 2009.
40. Angola. Presidente da República. Decreto Presidencial n.º 47/25, de 18 de Fevereiro. Diário da República, I Série, n.º 32. Luanda: Imprensa Nacional; 2025. p. 11009-10.
41. Angola. Conselho de Ministros. Estratégia de Longo Prazo Angola 2050. Luanda: Governo de Angola; 2023.
42. Angola. Ministério da Economia e Planeamento. Plano de Desenvolvimento Nacional 2023-2027. Luanda: MEP; 2023.
43. Planagrão - InvestinAngola. [cited 2026 Mar 14]. Available from: <https://www.investinangola.ao/pt/planagrao/>
44. Angola. Ministério da Economia e Planeamento. PLANAPECUÁRIA: Plano Nacional de Fomento e de Desenvolvimento da Pecuária. Luanda: MEP; 2023.
45. Plano Nacional de Fomento das Pescas | PDF | Pesca | Aquicultura. [cited 2026 Mar 14]. Available from: <https://pt.scribd.com/document/918905392/PLANAPES-CAS-Plano-Nacional-de-Fomento-das-Pescas-Apresentacao-PT-1-compressed>
46. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Quadro de Programação para Angola 2024-2028. Luanda: FAO; 2024.
47. Teixeira AESAS. A Produção Pesqueira e a sua Importância para a Segurança Alimentar em Angola [dissertação]. Lisboa: ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa; 2025.
48. Decreto Presidencial n.º 233/16 - Estatuto Orgânico do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Agrário. [cited 2026 Mar 14]. Available from: <https://www.angolex.com/paginas/decreto-presidencial/estatuto-organico-do-fundo-nacional-do-desenvolvimento-agrario-233a-16a.html>
49. Produtos – FADA. [cited 2026 Mar 14]. Available from: <https://www.fada.gov.ao/produtos/>
50. Decreto Presidencial N o 138 13 de 24 de Setembro Presidente Da Republica Lex Ao | PDF. [cited 2026 Mar 15]. Available from: <https://pt.scribd.com/document/928507145/Decreto-Pre-sidencial-n-o-138-13-de-24-de-Setembro-Presidente-Da-Republica-Lex-Ao>
51. Presidente da República Decreto Presidencial nº 83/25 de 15 de Abril.
52. KWENDA – FAS. [cited 2026 Mar 15]. Available from: <https://fasangola.com/kwenda/>

53. Programa Kwenda Estendido Até 2025 - Portal - masfamu.gov.ao [cited 2026 Mar 15]. Available from: <https://masfamu.gov.ao/web/noticias/programa-kwenda-estendido-at%C3%A9-2025>
54. Leao I, Shetty S. Para uma melhor segurança alimentar e hídrica: O potencial de Angola como futura potência agrícola na África. Africa Can End Poverty. 2022 [cited 2026 Mar 15]. Available from: <https://blogs.worldbank.org/pt/africacan/para-uma-melhor-seguranca-alimentar-e-hidrica-o-potencial-de-angola-como-futura-potencia>.

Conflito de Interesse:

Declaro não existirem quaisquer relações financeiras, pessoais ou profissionais que possam ser percebidas como potenciais conflitos de interesses em relação à investigação, análise e redação deste artigo.

Acesse a Biblioteca Digital do Conass e baixe esta publicação
e os demais volumes da Linha Editorial Internacional de
Apoio aos Sistemas de Saúde (LEIASS) e muito mais!

www.conass.org.br/biblioteca

